



GT 012. Antropologia da Saúde e Direitos Humanos: políticas públicas e agenciamentos sociais em saúde

Sônia Weidner Maluf (PPGAS/UFSC) - Coordenador/a, Erica Quinaglia Silva (Universidade de Brasília) - Coordenador/a, Marcos Aurélio da Silva (Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal de Mato Grosso) - Debatedor/a, Jaqueline Teresinha Ferreira (Instituto de Estudos em Saúde Coletiva - UFRJ) - Debatedor/a, Sílvia Maria Ferreira Guimarães (DAN/UnB) - Debatedor/a

Antropologia da Saúde no Brasil, além de enfatizar questões clássicas da pesquisa etnográfica, com foco em práticas e saberes locais, tem se debruçado mais recentemente sobre as políticas públicas, o cotidiano dos serviços e das instituições, buscando compreendê-las a partir do Estado "visto de baixo", o que envolve também os saberes técnico-científicos que sustentam essas políticas. A convergência dessas diferentes perspectivas potencializa a pesquisa etnográfica, sobretudo quando feita no que podemos denominar de zona de confluência entre práticas do Estado e políticas públicas, de um lado, e sujeitos sociais, práticas e saberes locais, de outro, em um contexto em que o tema dos direitos humanos, e da saúde como direito humano que deve contemplar as especificidades sócio-econômico-culturais dos sujeitos, comunidades e populações, torna-se central. A proposta do GT pretende, a partir de diferentes perspectivas etnográficas, proporcionar um espaço de reflexão sobre a relação entre Antropologia da Saúde e Direitos Humanos, em um contexto em que de modo geral há um retrocesso nos direitos e na democracia no país, particularmente nas políticas públicas de saúde, com o corte nos orçamentos e mudanças substantivas nos princípios que sustentam o Sistema Único de Saúde e as políticas de saúde mental no país. A articulação de diferentes abordagens etnográficas visa pensar os desafios e os diálogos possíveis entre a Antropologia, Estado e Direitos Humanos no campo da saúde.

Efeitos de uma cura controversa: hanseníase, sapatarias e políticas locais-globais

Autoria: Glaucia Cristina Maricato Moreto

Desde o advento da Poliquimioterapia (PQT) na década de oitenta, o seguinte slogan é interpelado em campanhas nacionais e globais: "a hanseníase tem cura?". Todavia, conforme apontam hansenologistas, apesar da PQT conter a infecção eliminando os bacilos do organismo, após o tratamento a hanseníase pode passar de uma doença infecciosa para uma doença imunológica. Em torno da metade dos pacientes que recebem alta-por-cura retornam aos hospitais devido aos chamados episódios reacionais hansênicos (eventos imunoinflamatórios). Ironicamente, são esses eventos os principais responsáveis pelas conhecidas e severas sequelas irreversíveis em hanseníase. Ou seja, na prática, pacientes considerados curados são internados no pós-cura devido a complicações agudas (os quais a comunidade científica não tem respostas consideradas eficazes, e busca controlar com o uso de drogas com graves efeitos iatrogênicos). Ao longo de 2018, uma comissão do Ministério da Saúde, composta por ativistas de um movimento social, funcionários públicos e pesquisadores acadêmicos, tem viajado para diferentes regiões brasileiras a fim de mapear a oferta de serviços de sapataria e órtese/prótese para pessoas que foram atingidas pela hanseníase. A partir da minha inserção nessa comissão - em visitas a estados como Pará, Rio de Janeiro e São Paulo - bem como da minha experiência de campo mais ampla nesse universo de pesquisa, irei examinar a impressionante e inquietante falta de serviços de sapatarias e órteses/próteses para hanseníase. Em diálogo com autores da antropologia médica e dos estudos da deficiência, irei refletir sobre como a controversa cura da hanseníase, tal como



moldada pela OMS e implementada pela política local, performa uma ?fábula do fim? fundamentada na eliminação de bacilos em detrimento da necessidade dos sujeitos. Meu objetivo final é discorrer sobre a relação entre hanseníase e sapatarias, e a forma como a política global-local desloca essa questão para um segundo plano que, cada vez mais, se torna um plano negligenciado.



Realização:



Apoio:



Organização:

